

Rosalie Helena de Souza Pereira, *Averróis: A arte de governar. Uma leitura aristotelizante da República*, Ed. Perspectiva, São Paulo 2012; 335 pp.; ISBN 9788527309271.

'Abūl-Walīd Muhammad Ibn 'Ahmad Ibn Rušd (Córdoba 1126 – Marraquexe 1198), latinizado para Averroes, é um dos mais importantes filósofos de sempre, seja qual for a perspectiva que se assuma perante a sua história. Ainda recentemente na sua monumental obra *Metaphysical Themes 1274-1671*, (Oxford 2011), onde se propõe uma ampla revisão da filosofia medieval e do início da Idade Moderna, Robert Pasnau não hesitava em escrever logo na p. 1: «I tend to think of modernity as coming in the late twelfth century, with Averroes's magisterial commentaries on Aristotle». Uma afirmação como esta encerra o seu grau de provocação e de estímulo à controvérsia. Muito medievais, árabes ou cristãos, ficariam horrorizados se suspeitassem que, apesar das suas incisivas críticas e mesmo a destruição de muitos dos manuscritos com obras de Averróis, ainda mesmo assim a sua influência seria tão profunda. A verdade é que o foi, mas através de formas que começam a ser objeto de estudo menos apaixonado ideologicamente.

Ibn Rušd ou Averróis teve sempre seguidores (os chamados «averroístas»), mas também uma teve uma persistente linhagem de detratores e críticos, desde a Idade Média até ao século XX, que viam no seu pensamento o afloramento de juízos racionalmente insustentáveis, acusando-o de ser o fator de uma forma depravada de pensar. «Ille maledictus Averroes in fictione sua III *De anima*» é apenas como Duns Escoto (*Opus Oxoniense*, d. XLIII, q. 2, p. 37 da ed. vaticana; cfr. *Ordinatio*, II, d. 3, p. 1, q. 5-6, p. 472) se refere à doutrina da unicidade do intelecto enquanto substância separada, porque implicava a defesa da mortalidade da alma humana, hipótese que afligia Escoto e a tradição teológica cristã (assim como a islâmica). Esta e mais algumas doutrinas, junte-se-lhe a questão da eternidade de mundo, ou a crítica à teoria trinitária da teologia cristã, contri-

buiriam para firmar por séculos essa reputação negativa do grande filósofo de Córdoba como campeão extremista da separação entre a razão e a fé e da defesa da superioridade da Filosofia sobre a Teologia. Mesmo assim, essa visão, negativa para alguns, positiva para outros, nunca obscureceu o reconhecimento da sua genialidade filosófica, ou do perigo que ela representava.

Averróis é conhecido e citado no mundo latino e no mundo judaico desde o século XIII como «o comentador» por antonomásia, pelos seus trabalhos de interpretação e explicação das obras de Aristóteles. É efetiva a influência de Averróis nos domínios jurídico, médico, filosófico, dadas as obras magistrais que produziu em todos eles. Também em vida o seu pensamento e influência foram controversos. Apesar de ser Qadi de Sevilha, além de jurisconsulto e médico reconhecido, terá sido a sua atividade de filósofo a fazê-lo cair em desgraça junto do califa de Córdoba Yaqub al-Mansur que, por intriga palaciana ou talvez sob a pressão dos juristas islâmicos, entre 1195 e 1197 o baniou da corte almóada para a cidade andaluz de Lucena, da qual regressou vindo a morrer pouco depois. A primeira parte desta obra (pp. 19-79) ocupa-se precisamente destas questões controversas, sobre as quais as fontes não são taxativas e as interpretações proliferam. O capítulo 1 ocupa-se sobretudo da vida e o capítulo 2 oferece um conspecto da não menos intrincada questão da fixação do extenso *corpus* escrito de Averróis nos domínios da Filosofia, do Direito, da Teologia, da Medicina. Pouco depois da sua morte algumas obras de Filosofia e de Medicina passam do Gharb Al-Andaluz para a Ibéria cristã, começando a ser vertidas do árabe para latim durante o século XIII. Nesse novo contexto terão uma real influência, que durará séculos (pp. 39-41), tanto o seu de medicina (*Colliget*), como alguns dos comentários a obras de Aristóteles, principalmente os grandes comentários sobre a *Metafísica*, a *Física*, a *Alma*, a *Ética a Nicómaco*. Nada foi traduzido para latim de Direito ou de Teologia, obras essas que em árabe foram mais preservadas e tiveram duradoura influência. Como é também explicado, uma parte muito substancial da obra filosófica de Averróis sobreviveu apenas em traduções para hebraico e para latim, tendo-se perdido os originais em árabe. Segundo algumas fontes árabes coetâneas, as obras de Averróis terão sido queimadas em público em grande quantidade em diferentes cidades, provavelmente em consequência e durante o período do seu banimento. A difusão em latim também não é linear, pois as obras foram traduzidas em diferentes épocas e algumas delas já não diretamente do árabe, mas sim a partir do hebraico, língua para a qual haviam sido traduzidas também em fases sucessivas nos séculos XIII e XIV.

A situação literária e linguística do *Comentário sobre a República de Platão*, a obra estudada neste livro, é um bom testemunho de todas essas e muitas mais contingências. Perdeu-se o original árabe e foi traduzida para latim duas vezes a partir do hebraico, a primeira das quais por Elia del Medigo na segunda metade do século XIV e a segunda vez já no Renascimento. Também a natureza filosó-

fica da obra é desafiante: ao contrário do que poderíamos esperar em Averróis, não é um comentário a Aristóteles mas a Platão e tudo indica que Averróis não conhecia diretamente a *República* de Platão, mas sim uma síntese ou uma paráfrase, talvez a de Galeno. Na sua paráfrase, os 10 livros da República de Platão são sumariados, explicados em 3 partes (pp. 106-109).

Conhecido apenas através de traduções antigas (em hebraico e daqui para latim), o *Comentário sobre a República de Platão* tem diversas obscuridades filológicas para cuja resolução são necessárias labirínticas retroversões que a Autora menciona: a leitura ou tradução a partir do latim obriga ao conhecimento do correspondente hebraico e a inferir quais seriam os termos correspondentes em árabe, isso com o auxílio do texto e dos conceitos platônicos e aristotélicos em grego, língua que Averróis não conhecia (para uma ilustração vejam-se os excursos vocabulário greco-árabe aristotélico em torno de desejo e apetite nas pp. 155-165, e o excurso sobre a expressão «philosophus secundum primam intentionem» nas pp. 212-214). Sobre a fascinante questão filológica e conceptual, de máxima importância no plano filosófico, a Autora vai dando indicações ao longo da obra, oferecendo um precioso guia no índice final (pp. 333-335) onde, a par dos nomes de autores árabes citados, se referenciam os conceitos árabes, gregos e portugueses (estes em menor número) mais estudados.

A segunda parte da obra, intitulada «A arte de governar» (pp. 79-224), ocupa-se de modo sucessivo de várias questões: que obra de Averróis é esta, qual a sua finalidade, quais as suas fontes, o que se discute nela e quais as posições assumidas pelo filósofo árabe quanto à questão ético-política das virtudes do governante e da natureza do governo político? O *Comentário* é sobretudo uma paráfrase na qual Averróis discute passagens e temas da *República* que mais lhe interessam, descurando uma boa parte da obra de Platão ou a sua análise literal, ao contrário do método que praticou nos grandes comentários sobre as obras de Aristóteles. Mas, se não no método, na intenção e na doutrina este comentário a Platão é feito sob o signo de Aristóteles, como a Autora sublinha desde o subtítulo deste livro que recenseamos. Averróis conhecia bem o início e o final da *Ética a Nicómaco* onde Aristóteles coloca a *Ética* sob égide da *Política*, considerada a ciência arquitectónica no que diz respeito às ciências práticas. Nem que fosse só por isso, o interesse de Averróis pela *Política* de Aristóteles já seria grande. Acontece que esta obra nunca foi traduzida para árabe e Averróis ele mesmo se lamenta por não lhe ter chegado à mão. Como poderia então compreender a teoria política de Aristóteles? A solução de Averróis é engenhosa: como não dispõe da *Política* do estagirita, tentará compreender o seu pensamento político através da *República* de Platão. Platão é assim tomado como uma via de acesso ao pensamento político de Aristóteles, acesso esse amplamente mediado pelo que encontra sobre as virtudes e a política em outras obras de Aristóteles e também na tradição filosófica árabe, em particular no pensamento de Alfarabi, por exem-

plo em *A cidade perfeita*. Averróis julgava mesmo que Alfarabi teria lido a *Política* de Aristóteles, que pensava estar disponível em árabe no Oriente, e por isso também o seu pensamento político estaria enformado por leituras de Platão e de Aristóteles. No conto «La busca de Averroes», de *El Aleph* (1949), Jorge Luis Borges pensa a imaginação exegética de Averroes que, encerrado no âmbito do islão e sem saber o que é um teatro, não consegue entender as palavras *tragédia* e *comédia* que encontra nos textos de Aristóteles. Depois de lhes dar uma interpretação que passa a escrito pela sua própria mão, Averróis, sonolento e tomado pelo frio, tira o turbante, olha-se num espelho de metal e desaparece bruscamente, como tudo o que o rodeia, talvez mesmo também o Guadalquivir. A busca de Ibn Rušd por pela *Política* de Aristóteles, que também nunca encontrou, não tem menos extraordinárias consequências filosóficas, criando através de uma ficção metodológica uma teoria política própria, nem aristotélica, nem platónica, mas propriamente averroísta. E obviamente muito distante, mesmo oposta, do «averroísmo político latino», uma outra ficção historiográfica do século XX que procurou ver em Averróis a fonte das teorias políticas medievais que procuraram fundamentar uma separação radical entre o poder temporal e o poder espiritual, dando supremacia política ao primeiro.

As diferentes formas de mediação adoptadas para poder reconstituir a teoria política de Aristóteles são coerentes quer com a inserção por Averróis da ação política na tradição teológica islâmica, quer com a interpretação da *Ética a Nicómaco*, quer com a tradição alexandrina e neoplatónica de uma concordância íntima entre a filosofia de Platão e a filosofia de Aristóteles marcada pelo conhecimento, talvez apenas indireto, da *República* e das *Leis* de Platão.

Não é menos certo que Averróis desvaloriza a expressão do pensamento através de alegorias ou de juízos dialéticos, tão próprios de Platão, preferindo os argumentos demonstrativos e a aproximação ao discurso jurídico na teorização do político virtuoso. Averróis, que nos grandes comentários se dedica justamente a um minucioso isolamento e exclusão da contaminação da interpretação de Aristóteles pelas ideias platónicas, embora não ceda à tradição concordista, estranhamente julga poder, através de Platão, reconstituir o pensamento político de Aristóteles, tendo sim em conta as outras obras deste (cfr. II.3, pp. 121-142). Por estas razões há um longo debate não concluído entre os estudiosos para a datação deste *Comentário sobre a República de Platão* e o seu significado (pp. 88-93, 100-105, etc.), para tentar datar e identificar em que época do seu percurso o terá escrito, se no início do seu conhecimento de Aristóteles se já na fase mais madura e de desplatonização da interpretação de Aristóteles. Consoante um ou outro dado biográfico, ou diferentes aspetos da obra, há bons argumentos para situar o *Comentário* c. 1176-7, como em 1182 ou 1184, assim como no período final já por 1194, hipótese que agora tende a fixar-se como mais consensual, mas a questão permanece substancialmente em aberto, embora uma opção ou outra

tenha fortes implicações no modo de interpretar a obra. A Autora defende que o objetivo de Averróis é formular uma teoria puramente filosófica, portanto aristotélica, da política (p. 221), embora partilhe também a opinião de Erwin Rosenthal segundo a qual a *República* também serve instrumentalmente a Averróis como guia para compreender o Estado e em particular os estados islâmicos seus contemporâneos. Ao longo da obra essa aproximação parece de facto ser a favorecida pela autora (pp. 105, 142, etc.).

A segunda parte é constituída pelos capítulos 4 «A virtude dos governantes», pp.) e 5 («Sobre as qualidades essenciais dos governantes», pp. 187-218), onde a Autora se centra mais especificamente na teoria ético-política construída no *Comentário*, lido em permanente diálogo com Alfarabi, com o comentário de Averróis sobre a *Ética a Nicómaco*, assim como com a tradição religiosa e com o direito islâmicos. Também a antropologia psicológica e a teoria das virtudes de Aristóteles têm um amplo espaço na reconstrução do tipo ideal de governo e de governante.

Esta teoria da virtude política deve ter espantado os leitores renascentistas habituados a escutar a acusação de impiedade que muitos faziam a Averróis. Mas, como é sabido, o Averróis latino medieval está muito longe do Averróis árabe. O desconhecimento latino de uma parte importante da sua obra deu azo a essa proliferação de críticas ao seu pensamento e mesmo ao seu caráter. Mesmo a iconografia latina é imaginada e imaginativa, de que é um belo exemplo a gravura do século XIV chamada para a capa e badana, onde se vê um Averróis barbudo, de turbante e em posição de mestre discutindo questões de abstinência alimentar com Porfírio (manuscrito Paris, BnF, Latin 6823, f. 2r). Afinal o Averróis do *Comentário sobre a República de Platão* mostra-se um homem piedoso, orientado pela busca do bem comum numa sociedade dirigida por um governante justo e virtuoso e um convicto defensor da excelência na ação política, sendo esta atividade humana concebida dentro da tradição islâmica na sua relação e em dependência com o direito, sem qualquer oposição, antes concordância, com a vida religiosa e a autoridade do *imam* (cfr. pp. 187-196). Averróis, na tentativa de compreensão do rei-filósofo platónico, estabelece mesmo uma equivalência entre os termos filósofo, rei, legislador e *imam* (pp. 93-94).

O volume não inclui a edição ou tradução do *Comentário sobre a República de Platão*, mas inclui no final a tradução, realizada pela Autora e por Ana Lia de Almeida Prado, do livro VI do *Comentário à Ética Nicómaco de Aristóteles* de Averróis, tradução esta realizada a partir da versão latina (pp. 225-243). Assinale-se ainda que o volume é profusamente anotado (pp. 245-304) e inclui uma detalhada bibliografia de fontes primárias e de estudos gerais (pp. 305-331), pela qual podemos ver que o *Comentário sobre a República de Platão* é uma das obras que mais atenção recente tem recebido, quer em edições, quer em traduções para diversas línguas. Como simples nota crítica assinale-se, numa edição gráfica-

mente muito cuidada, a existência de umas poucas gralhas e de uma ou outra repetição que poderia ter sido evitada (por exemplo, pp. 14 e 221).

Esta obra é uma revisão da tese de doutoramento com o mesmo título defendida pela Autora no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. A obra recebeu em 2013 o Prémio Jabuti na categoria de Ciências Humanas. A Autora possui um longo percurso de pesquisa e reconhecimento académico pelos seus trabalhos em torno da filosofia medieval árabe-islâmica, com interesse pelos domínios da ética e política, teoria do conhecimento e metafísica, bem como pelo tema da transmissão do pensamento grego para o mundo islâmico e deste para o mundo latino. Rosalie Pereira publicou na mesma editora uma obra de grande fôlego de introdução ao islão (*Islã Clássico. Itinerários de uma cultura*, 2007, 872 pp.) na qual reuniu a colaboração de um notável e internacionalizado conjunto de islamistas, oferecendo assim uma das mais completas e atualizadas introduções ao conhecimento do mundo islâmico publicadas em português. A Autora é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, Mestre em Filosofia pela mesma universidade com a tese *Avicena: A Viagem da Alma: uma leitura gnóstico-hermética de Hayy ibn Yaqzân*, a qual foi publicada também pela Editora Perspectiva em 2002, com segunda edição em 2005.

Com a publicação de *Averróis: a arte de governar*, Rosalie de Souza Pereira prossegue o seu notável labor animado por um espírito de rigor e melhor fundamentação científica para o conhecimento dos filósofos árabes, a que se tem dedicado com profundidade nos últimos anos. Num percurso onde já sobressaía a publicação latina com tradução para português da *Exposição sobre a substância do Orbe* de Averróis (Edipucrs, Porto Alegre 2006), os leitores em português devemos-lhe agora mais um notável trabalho, onde apresenta de modo detalhado e amplo o pensamento político e ético de Averróis.

José Meirinhos
(Departamento de Filosofia /
Instituto de Filosofia U.P.)